

Para BC, a prorrogação já foi aceita

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Uma credenciada fonte do Banco Central confirmou ontem que o comitê assessor (composto de 14 bancos) da dívida externa brasileira já teria prorrogado por mais 90 dias — até 17 de junho — as linhas de financiamento a curto prazo e os empréstimos interbancários, no valor de US\$ 16 bilhões. Con-

forme se conseguiu apurar ontem, no BC, o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, depois de analisar as informações encaminhadas a ele pelo governo brasileiro, a respeito do pacote econômico votado pelo Congresso Nacional, no início de dezembro, teria prometido enviar aos mais de 700 bancos credores do Brasil o seu parecer favorável, que significa um voto de crédito à política econômica do novo governo, que procura, através dos números demonstrados ao FMI, reduzir o déficit público e

manter uma política de exportações compatível com o pagamento da dívida externa de US\$ 99,6 bilhões.

O "sinal verde" da cúpula do Fundo Monetário Internacional é considerado uma peça fundamental na renegociação da dívida brasileira com os bancos comerciais estrangeiros, na forma pretendida pelo presidente do Banco Central, Fernando Bracher, que é de jogar para o futuro (ainda não definido) a dívida a vencer em 1986 e aquela já vencida em 1985, que somam US\$ 16 bilhões. A

prorrogação das linhas de curto prazo, que vencem no próximo dia 17 (sexta-feira), pelo menos por três meses, é fundamental para o País ganhar tempo e renegociar, nesse período, o principal de sua dívida, agora que o governo de José Sarney rejeita um acordo com o Fundo.

DESCONFIANÇA

Se o Brasil está obtendo a compreensão do FMI para a política de pagar a dívida externa e em paralelo manter o crescimento da economia — o presidente José Sarney e o seu

ministério afirmam que essas duas metas são compatíveis — o governo norte-americano, no entanto, aparentemente desconfia dessa estratégia.

Na quinta-feira, o ministro da Fazenda, Dêlson Funaro, e o presidente do BC, Fernando Bracher, foram muito mal recebidos pelo presidente do Federal Reserve (Banco Central americano), Paul Volcker, ao contrário de vezes anteriores em que aquela autoridade atendia aos brasileiros com sorrisos e propunha ajudar.

Comenta-se que existem pelo menos duas razões que afetaram o antigo bom humor de Volcker: a atitude do governo brasileiro de sustentar que o endividamento do Terceiro Mundo é uma questão mais política do que financeira (os bancos mais comprometidos com isso são exatamente os norte-americanos) e a iniciativa do Brasil de participar de conferências de devedores da América Latina.